

**Funeral de Pier Alberto Bertazzi**  
*Milão, 17 de setembro de 2021*

**Homilia do Padre Julián Carrón**

*[Rm 8,31-39 / Salmo 23 (22) / Jo 14,1-6]*

«Não se perturbe o vosso coração», disse Jesus aos seus discípulos, e repete-o hoje a cada um de nós. Mas como é que os discípulos podiam evitar ficarem perturbados, ao pensarem no que estava para acontecer? Que razão lhes dá Jesus, que razão nos dá Jesus agora? «Credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fosse, como teria dito Eu que vos vou preparar um lugar?»

Jesus não demonstra nada, simplesmente oferece aos seus amigos a única razão adequada: confiar na Sua palavra. «Crede em mim.» Mas que razão tinham eles para confiar? Que razão tinha eu para confiar enquanto lia estas palavras diante do nosso amigo Pier que expirava? Que razões temos todos nós para confiar agora, diante do caixão? Só as que provêm de uma história, a que os discípulos viveram com Jesus. Não tinham mais nada. Quem dizia aquelas palavras não era um qualquer, um desconhecido que falava ao acaso; quem as dizia era alguém que eles conheciam bem, que em tantas ocasiões eles tinham visto romper as suas medidas e inverter os seus pensamentos, deixando-os sem palavras perante a excepcionalidade da Sua presença. Só tinham isso para confiarem n'Ele: factos, uma vida vivida com Ele, uma convivência que lhes enchera os olhos dia após dia, por semanas, meses e anos, daquela excepcionalidade que transbordava em cada gesto Seu. Só esse era o ponto de apoio que Jesus lhes oferecera para confiarem. Por isso não precisou de demonstrar nada para os induzir a confiar na Sua palavra, porque já tinham visto tudo. O que é que Jesus poderia ter acrescentado ao que já tinham visto, para os convencer? O quê, se ainda não os tinha convencido estando com eles durante anos? Nada do que ainda pudesse ter feito seria suficiente para mover uma única peça do racionalismo deles. Com efeito, dirige-se a eles pacificamente dizendo: «Credes em Deus; crede também em mim», e promete-lhes: «Quando Eu tiver ido e vos tiver preparado lugar, virei novamente e hei-de levar-vos para junto de mim, a fim de que, onde Eu estou, vós estejais também. E, para onde Eu vou, vós sabeis o caminho». Nesse momento, Tomé disse-lhe – pode ser também a nossa pergunta agora–: «Senhor, não sabemos para onde vais, como podemos nós saber o caminho?» É impressionante que, depois de toda aquela convivência com os discípulos – até ao fim da Sua vida –, precisamente no momento culminante, é como se ainda não estivesse totalmente claro, como se não tivesse crescido neles a convicção de já conhecerem o caminho, porque o caminho estava à frente deles. Tinham-no visto, tinham visto como todos os gestos e a convivência com Ele tinham gerado uma vida que eles não teriam podido dar-se sem a Sua presença, sem a familiaridade com Ele. Por isso Jesus disse-lhe: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida». Para que não ficasse implicitamente nenhuma dúvida: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém pode ir ao Pai senão por mim».

Foi este reconhecimento que fez do Pier, “Pier”!

Não há nada a acrescentar; aquele amigo que conhecemos, que vimos posicionar-ne na realidade, que admiramos pela forma como enfrentava as coisas, tudo isso não era senão o fruto do seu reconhecimento de ter encontrado «o caminho». Portanto não é preciso acrescentar nada àquilo que já o vimos viver diante de nós. Sobretudo nos momentos em que muitos perdiam a cabeça, ele mantinha-se apegado à única coisa de que estava realmente persuadido: de que só Cristo era a resposta – como diz num testemunho seu – «ao grito humaníssimo de Leopardi, isto é, do homem» («O início como origem permanente», *clonline.org*, 1 de outubro de 2021). Não era uma reação sentimental, era um juízo que marcou a vida do Pier e gerou nele a autoconsciência de que não há outra vida, não pode haver outra vida humana que possa verdadeiramente transbordar de paz e de equilíbrio, a ponto de nos deixar sem palavras, que não seja Cristo.

E quando tantos se foram embora no 68, ele contou-nos depois o que lhe permitiu permanecer: só o afeto. No fim, a vida – como disse São Tomás – é precisamente este afeto: «A vida do homem consiste no afeto que principalmente o sustenta e no qual encontra a sua maior satisfação» (*Summa Theologiae*, IIa, IIae, q. 179, a.1 co), a maior correspondência. Não há outra coisa. Isto não são palavras, porque diante dos desafios da vida, é como se viesse ao de cima se isto é verdade ou não é verdade. Não é verdade porque o repetimos, mas porque nos surpreendemos com o facto de que, quando tudo se confunde ou quando tudo se complica e perdemos o norte, há quem não o perca. Por isso o Pier foi e continuará a ser tão crucial – como disse o cardeal Scola na sua mensagem – para a nossa história. Continuará ali, diante dos nossos olhos, diante da nossa memória, diante do nosso olhar: e, quando também nós formos desafiados pelas circunstâncias, poderemos reconhecer qual é a única razão que pode sustentar a nossa vida, como sustentou a de Pier, a ponto de o tornar numa testemunha para todos. Por quê? Porque só Cristo consegue prender a nossa pessoa a ponto de gerar uma afeição que nada pode perturbar, nada.

Por isso, toda a sua vida, como ele nos disse em tantas ocasiões, não foi mais do que dizer sim, dizer «sim» a Cristo, Àquele que o havia conquistado e o conquistava no presente. O «sim» aqui e agora, no momento em que vivia ou falava; porque se não tivesse sido aqui e agora, não teria sido verdade nem no início, não teria existido. Por isso podemos dizer que aquilo que gerou a sua pessoa, o nosso amigo, até fazê-lo resplandecer aos nossos olhos, foi a sua fidelidade à vocação em que ele viu realizada toda a sua pessoa e toda a sua vida. E nós somos testemunhas disso, não é preciso dizer muitas palavras: todos nós somos testemunhas do que vimos diante dos nossos olhos, fruto de um percurso, de um trabalho que o levou àquilo que ouvimos São Paulo dizer, isto é, a uma certeza que surgiu novamente diante dos nossos olhos na sua doença: «Estou convencido de que nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem as potestades, nem a altura, nem o abismo, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus que está em Cristo Jesus».

Esta convicção, que foi crescendo com o tempo, que vimos crescer na convivência com ele, é o que ele nos deixa como herança, como verificação do seu caminho, como verificação da vocação, até onde pode chegar o caminho da vocação: até ao ponto de gerar uma pessoa com uma tal plenitude afetiva, afetivamente completa, que o Pier a demonstrava em tudo, na forma de trabalhar, de ser, de viver e de se relacionar com todos. Por isso nós também podemos, como ele, dizer com São Paulo: «Se Deus está por nós, quem pode estar contra nós? Ele, que nem sequer poupou o seu próprio Filho, [...] como não havia de nos oferecer tudo juntamente com Ele?» Portanto, «somos mais que vencedores, graças àquele que nos amou».

Peçamos hoje a Nossa Senhora que cuide do testemunho de Pier, para que, independentemente das circunstâncias que tenhamos de atravessar, vença em nós, como venceu nele, o único afeto – o afeto a Cristo – que nos pode permitir continuarmos a ser nós mesmos.